

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**A CRIMINALIDADE E O GRAU DE CONFIANÇA
INTERPESSOAL: UMA ANÁLISE TEÓRICA DE SEUS
DETERMINANTES E REFLEXOS E UM ESTUDO EMPÍRICO DA
CORRELAÇÃO**

Julia Cavalcante Fontes

Matrícula 0511620

Claudio Ferraz

Professor Orientador

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri, para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

Julia Cavalcante Fontes

Junho de 2009

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

Agradeço ao Prof. Cláudio Ferraz, pelo levantamento do tema e fornecimento das ferramentas necessárias para a construção deste trabalho; e aos meus pais, por terem viabilizado minha trajetória e minhas escolhas.

Índice

| | |
|---|----|
| 1. Introdução..... | 6 |
| 2. Violência e Criminalidade..... | 9 |
| 2.1. Dados de criminalidade: limitação das informações..... | 11 |
| 2.2. A análise para o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro..... | 12 |
| 3. Confiança e capital social..... | 17 |
| 4. O Modelo Empírico..... | 22 |
| 4.1. Dados e Estatísticas Descritivas..... | 22 |
| 5. Resultados..... | 27 |
| 5.1. Características individuais..... | 27 |
| 5.2. O crime e o grau de confiança..... | 29 |
| 5.3. A heterogeneidade, o espaço, a mobilidade e o grau de confiança..... | 35 |
| 5.4. Resumo das evidências estatísticas..... | 39 |
| 6. Conclusão..... | 41 |
| 7. Referências Bibliográficas..... | 43 |

Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Estatísticas sumárias das variáveis de confiança..... | 23 |
| Tabela 2: Estatísticas sumárias das variáveis individuais | 24 |
| Tabela 3: Estatísticas sumárias das variáveis de crime | 25 |
| Tabela 4: Determinantes individuais de grau de confiança..... | 27 |
| Tabela 5: Criminalidade e grau de confiança | 29 |
| Tabela 6 | 30 |
| Tabela 7: Crime policial e grau de confiança..... | 31 |
| Tabela 8: Agressão e grau de confiança | 31 |
| Tabela 9: Discriminação e grau de confiança..... | 33 |
| Tabela 10: Ofensa sexual e grau de confiança | 34 |
| Tabela 11: Estelionato e grau de confiança | 35 |
| Tabela 12: Heterogeneidade, espacialidade, mobilidade e grau de confiança | 36 |
| Tabela 13: Favela e criminalidade..... | 38 |

Gráficos

| | |
|-----------------|----|
| Gráfico 1 | 12 |
| Gráfico 2 | 13 |

Figura

| | |
|---------------|----|
| Figura 1..... | 14 |
|---------------|----|

1. Introdução

A criminalidade está na pauta de todos os meios de comunicação e, cada vez mais, estudiosos de diversas áreas têm dedicado tempo a essa questão. A partir dos anos 1980, os índices de violência e criminalidade dispararam em todas as regiões metropolitanas do mundo, e no Brasil não foi diferente. Nos anos 90, esses índices começaram a despertar o interesse não só do poder público, como também de pesquisadores que buscavam estudar os determinantes do aumento das taxas e seus impactos socioeconômicos.

Os dados apontam para uma evolução significativa nas estatísticas referentes à criminalidade, sobretudo àquelas referentes a homicídios intencionais. Da década de 80 até os primeiros anos da década de 2000, os dados do Ministério da Saúde mostram que a taxa de homicídios no país mais do que duplicou, colocando o Brasil na categoria de países mais violentos do mundo.

A cidade do Rio de Janeiro, que acompanhava o crescimento das taxas de criminalidade, ganhou destaque quando, nos anos 90, apresentava altos índices de crimes como sequestro e homicídio, expondo a fragilidade da segurança pública, além de ter autoridades públicas envolvidas nos conflitos e em casos de corrupção.

A dificuldade de notificar o crime e a falta de informação refletem não só a clandestinidade do crime, mas também a falta de confiança da população com relação àqueles responsáveis pela ordem: as autoridades públicas e, principalmente, as instituições policiais.

No entanto, não é só com relação às autoridades que vemos o reflexo do grau de confiança da população. A criminalidade, de forma direta ou indireta, afeta a confiança de uma sociedade, suas inseguranças, medos, expectativas e escolhas.

O estudo feito por E. Glaeser et al. e o resultado da pesquisa de vitimização feito para a região metropolitana do Rio de Janeiro em 2007, do Instituto de Segurança Pública nos mostram que o grau de confiança de um indivíduo varia de acordo com seu histórico familiar, cultura, nível social, realidade social; e isso pode ser considerado analogamente para o grau de confiança coletivo, de uma sociedade. Em *“What is Social Capital? The Determinants of Trust and Trustworthiness”*, E. Glaeser et al. citam Arrow (1972) e Fukuyama (1995), que sugerem que o grau de confiança de uma sociedade influencia fortemente o sucesso de sua economia.

Já a pesquisa de vitimização aponta para o fato de que a população da região metropolitana do Rio de Janeiro, principalmente das áreas que apresentam maiores índices de violência e criminalidade, deposita pouca confiança nas instituições policiais e no poder público e vive com o sentimento de insegurança – observado, sobretudo, nas áreas que estão submetidas ao poder de grupos armados do tráfico de drogas, que impõe suas próprias leis dentro das comunidades.

Considerando a falta de credibilidade dos agentes responsáveis pela imposição da lei, o sentimento de insegurança e a incerteza de melhorias para um futuro próximo, qual é a real relação entre a criminalidade e o grau de confiança de uma sociedade? Qual é o fator determinante nessa relação? Até que ponto o primeiro influencia o segundo e quanto isso pode provocar uma inversão de causalidade entre eles?

A idéia deste trabalho surgiu da disposição em estudar um grande problema, senão o que mais aflige a cidade do Rio de Janeiro e as regiões metropolitanas do país nos dias atuais. Esta monografia tratará de estudar essa correlação – criminalidade e grau de confiança –, seus determinantes e efeitos nas relações estabelecidas dentro de uma sociedade e seus impactos socioeconômicos.

Para tal, este trabalho será dividido da seguinte forma: a próxima seção introduzirá a questão da violência e criminalidade, como seus avanços, causas e conseqüências. Tratará do tema no Brasil e, mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. Serão analisadas as variáveis que contribuíram para o aumento dessas estatísticas e a distribuição espacial da incidência de crimes nas diferentes áreas da cidade. Para fundamentar a argumentação, serão utilizados dados e estatísticas públicas, bem como resultados obtidos em alguns estudos desse tema, a fim de permitir uma interpretação mais clara dos fatos.

Em seguida, a seção 3 abordará a questão da confiança e do capital social: suas definições, determinantes e conseqüências. Para a discussão do grau de confiança da sociedade, também será feita uma introdução teórica do tema.

As seções seguintes serão dedicadas ao estudo empírico, original, utilizando os mesmos dados da Pesquisa de Vitimização de 2007 promovida pelo Instituto de Segurança Pública – ISP, e seus resultados, para correlacionar a criminalidade com o grau de confiança da sociedade. O resultado da pesquisa de Condições de Vida e Vitimização, encomendada pelo ISP, contribuirá significativamente com o trabalho, uma vez que as estatísticas oficiais com relação à criminalidade são pouco realistas. Além disso, essa pesquisa contribui com o trabalho ao traçar o perfil social da

população de diferentes áreas da região metropolitana do Rio de Janeiro no que diz respeito a questões relacionadas à qualidade de vida, como vitimização, sentimento de insegurança e confiança nas instituições públicas.

A seção 4 é dedicada à exposição dos dados que serão utilizados no modelo empírico, bem como a metodologia e a apresentação das estatísticas descritivas. A seção 5 analisará os resultados obtidos das diversas regressões feitas, utilizando variáveis conceituais de grau de confiança como variáveis de interesse. O trabalho é finalizado com a seção de conclusão, que sumariza as questões apresentadas e discutidas.

2. Violência e Criminalidade

A criminalidade e a violência têm consequências consideráveis no bem-estar social. Se, por um lado, podemos mensurar os custos e as perdas sociais com esses problemas através dos dados que chegam até nós – como taxas de homicídio e lesão corporal –, por outro, a sociedade sofre consequências invisíveis sob a ótica fria da estatística, mas sentidas no cotidiano, como a perda de investimentos, de produtividade, do sentimento de segurança e o aumento da desconfiança. Analisemos o tema e os custos e perdas mensuráveis e não-mensuráveis.

Considerando as taxas de mortalidade, a perda é sentida não só nas estatísticas, com a redução da expectativa de vida, mas há também perda de bem-estar uma vez que compromete os investimentos em capital humano. Assim como as mortes, a criminalidade e a violência também refletem em custos sociais, como as perdas de capital humano no mercado de trabalho com a carceragem, as incapacitações por invalidez física e/ou psicológica, os custos em manter o sistema penitenciário, além dos custos com segurança pública, com a justiça e saúde.

A criminalidade compromete ainda a estabilidade institucional e o ambiente de negócios de uma forma geral, sobretudo naquelas sociedades onde a presença do crime organizado é evidente e significativa.

Dos estudos feitos nos últimos anos com relação ao tema, chega-se a diversas conclusões com relação às principais causas dos altos índices de violência e criminalidade nas cidades de todo o mundo. De acordo com Soares e Naritomi (2007), pode-se dizer que a violência é causada, sobretudo, por três fatores: alto índice de desigualdade, baixas taxas de encarceramento e pouca força policial.

Existem algumas possíveis explicações para as taxas de criminalidade, sobretudo entre a diferença entre estas entre países mais desenvolvidos e menos desenvolvidos. Segundo Soares e Naritomi (2007), há duas categorias: uma que relaciona as condições socioeconômicas e a maior propensão a se criar um ambiente onde o crime é mais atrativo, e outra, que relaciona o crime com as ações do governo a fim de reprimir estas atividades. Ou seja, quanto menor o custo de oportunidade de se envolver em atividades criminosas, maior a propensão de um indivíduo praticá-las; analogamente, quanto maior o custo de oportunidade, menor a propensão.

No que diz respeito à desigualdade de renda, quanto mais desigual é a sociedade, mais evidentes são os alvos das práticas criminosas – considerando a finalidade financeira destas: enquanto os alvos costumam ser providos de melhor renda, os que se situam no outro extremo, com baixa renda, têm considerado baixo custo de oportunidade para se envolver em crimes.

É evidente que o ambiente é determinante para a tendência a atividades ilícitas, inclusive atividades criminosas. Vários estudos foram dedicados aos efeitos da desigualdade de renda sobre o comportamento criminoso. A maioria deles destaca a variável de custo para se envolver em crimes, que é de difícil mensuração. Além disso, há um fator de importante efeito no vínculo com as atividades criminosas, que é o aspecto espacial. É comum regiões que apresentam heterogeneidade espacial também apresentarem altos índices de criminalidade. Isso é visto com muita clareza nas regiões metropolitanas do Brasil, onde se vê divisão espacial de classes, ficando as de baixa renda localizadas, sobretudo, nas periferias.

A cidade do Rio de Janeiro, no entanto, apresenta dados particulares dessa heterogeneidade. No Rio de Janeiro, a localização das favelas em áreas ditas nobres da capital do Rio ofusca de certa forma a interpretação dos dados. No entanto, como os estudiosos e pesquisadores já estão atentos para o fato de que o espaço não é tão segregado por condições socioeconômicas da população na cidade, no que diz respeito aos bairros e regiões administrativas, isso torna a interpretação mais fácil e faz da cidade um caso particular e de grande interesse de estudo: a significativa desigualdade de renda e a coexistência espacial das classes.

Há ainda um fator de grande relevância para a criminalidade: o vínculo do indivíduo com a sociedade e suas normas. Os elos do indivíduo com a sociedade, bem como a aceitação e concordância de suas regras e normas, estão diretamente relacionados com a propensão ao comportamento criminoso. Quanto maiores os elos, mais provável é que o indivíduo se mantenha distante do crime. Isto porque as pessoas com grande vínculo social acreditam nas punições e nos retornos que a sociedade pode garantir; de maneira análoga, pessoas com pouco vínculo com os contratos sociais não dão muita importância aos retornos negativos do crime, assim como não costumam visar retornos positivos – comparativamente aos retornos das atividades criminosas – se exercerem atividades estritamente dentro da lei estabelecida em determinada sociedade. Esse fator será abordado de maneira mais aprofundada em seção posterior, de Confiança e Capital Social.

2.1. Dados de criminalidade: limitação das informações

Utiliza-se três fontes para obter dados de criminalidade, em geral: as bases de dados geradas pelos registros do Ministério da Saúde, das ocorrências policiais e pesquisas de vitimização.

Com relação aos registros oficiais da criminalidade, pode-se dizer que estes estão diretamente relacionados à maturidade das instituições, e com seus níveis de transparência: quanto mais bem estruturadas as instituições responsáveis pela ordem e combate a violência, e quanto mais interligadas, mais os registros podem condizer com a realidade de tal sociedade. Da mesma forma, quanto maior o nível de corrupção dentro dessas instituições, bem como a falta de interatividade entre elas, mais obscuras são as estatísticas.

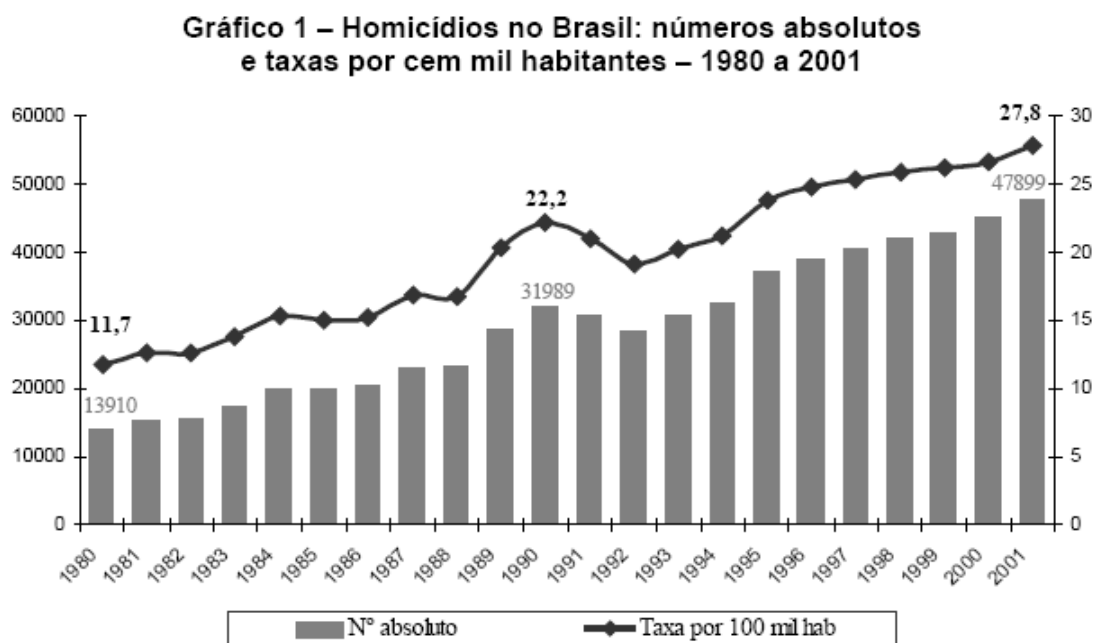
No caso do Brasil, as estatísticas referentes à criminalidade e à violência ainda são bastante obscuras e duvidosas. Exceto os dados de homicídios, que são mais facilmente comprovados devido à tangibilidade da ocorrência e à necessidade de registro no Instituto Médico Legal, os demais indicadores, como de lesão corporal, roubo, furto, sequestro, estupro e corrupção, não costumam apontar à realidade. Isso se deve tanto à descrença nas instituições responsáveis, sobretudo à policial, quanto ao sentimento de medo, insegurança e impunidade. Devido a isso, os dados de crimes fatais mais confiáveis são provenientes do Ministério da Saúde.

Os Registros de Ocorrência da Polícia Civil deveriam ser a mais bem esclarecida base de dados de crime e violência, afinal ficam registrados, teoricamente, os perfis da vítima e do agente criminoso, os objetos e/ou armas envolvidos no crime e a dinâmica criminal. No entanto, esses Registros garantem poucas informações relevantes no que diz respeito ao mapeamento e quantificação dos diversos tipos de crime, devido ao mau preenchimento e à ignorância por parte desses policiais da importância do preenchimento correto e completo das ocorrências – para garantir base de dados compatível com a realidade. Além disso, outro fator comprometedor – talvez com maior peso – é a subnotificação. Dependendo do crime, a vítima não o relata oficialmente, seja pela descrença na eficácia da polícia em resolver o problema, pelo medo e até mesmo pela vergonha. Isso acontece, sobretudo, quando as vítimas estão envolvidas em crimes de baixo prejuízo financeiro e crimes domésticos, além de outros que geram sentimento de medo, como sequestros.

Por isso, pesquisas de vitimização tendem a refletir de maneira mais transparente a realidade social. Analisaremos o resultado da Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização de 2007, feita pelo Instituto de Segurança Pública, em seção posterior. Nessa pesquisa, são feitas perguntas sobre ocorrência de violência e/ou crimes que os entrevistados e/ou parentes e/ou conhecidos tenham sido vítimas. Verificaremos também, por essa Pesquisa, que há reflexos da criminalidade e violência nas relações interpessoais e nos hábitos cotidianos da população.

2.2. A análise para o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro

Entre 1980 e 2000, a taxa de homicídios no Brasil cresceu 130%, segundo o DATASUS e os censos. Isso significa que, enquanto em 1980 havia 11,7 homicídios por cada 100 mil habitantes, em 2000 a estatística pulou para 27 por cada 100 mil habitantes, como pode ser visto no Gráfico 1¹.



¹ A queda na taxa entre os anos de 1991 e 1992 se deve a um provável problema no registro dos dados, já que houve significativo aumento de registro de mortes por armas de fogo e “intencionalidade desconhecida”.

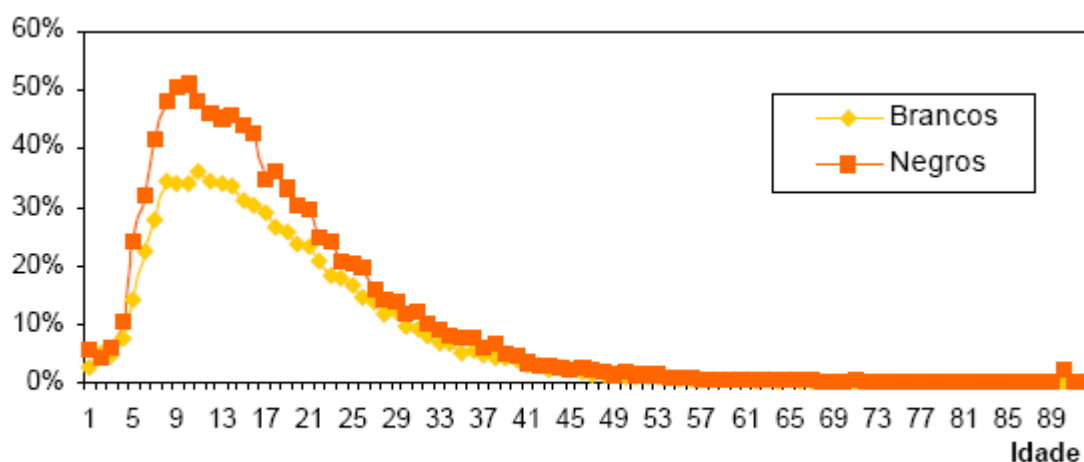
No entanto, o estado do Rio de Janeiro apresenta números mais preocupantes, acima da média nacional: são 51 homicídios por cada 100 mil habitantes, atrás apenas de Pernambuco.

Entre 1980 e 2001, o número absoluto de homicídios dolosos oficial, ou seja, assassinatos, foi de 646.158. Já no ano de 2000, o número absoluto de homicídios registrados no Brasil foi de 45.233.

Se considerarmos as vítimas jovens – de 15 a 24 anos de idade – de homicídio de áreas urbanas pobres, essa estatística salta para 230 por cada 100 mil habitantes no mesmo período praticamente – 1980 a 2000. Nessas duas décadas, o crescimento dessa taxa entre pessoas de 20 a 29 anos foi de 108%, enquanto que, para jovens, essa taxa foi de 212%. Novamente, se analisarmos o Rio de Janeiro separadamente, os números estão acima da média nacional: essas mesmas taxas saltam para 140% e 269%, respectivamente. Isso indica que, no Rio de Janeiro, os homicídios respondem por mais de 50% do número de óbitos de indivíduos entre 15 e 29 anos, um fato alarmante.

Os jovens do sexo masculino são as principais vítimas de homicídios no país: respondem por 90% das estatísticas, tanto nas áreas urbanas quanto nas demais de todo o Brasil. Junto a isso, observa-se também que, dentre esses jovens, os negros² são as principais vítimas desse tipo de crime, evidenciando a má distribuição de riqueza e de recursos sociais como educação, saúde e cultura entre negros e brancos. Essas evidências são demonstradas no Gráfico 2, que se baseia em dados dos anos de 1997 a 2000.

Gráfico 2 - Participação dos homicídios no total de mortes no Brasil, segundo cor e idade – 1997 a 2000



Fonte: Sistema de Informação sobre Mortalidade – DATASUS

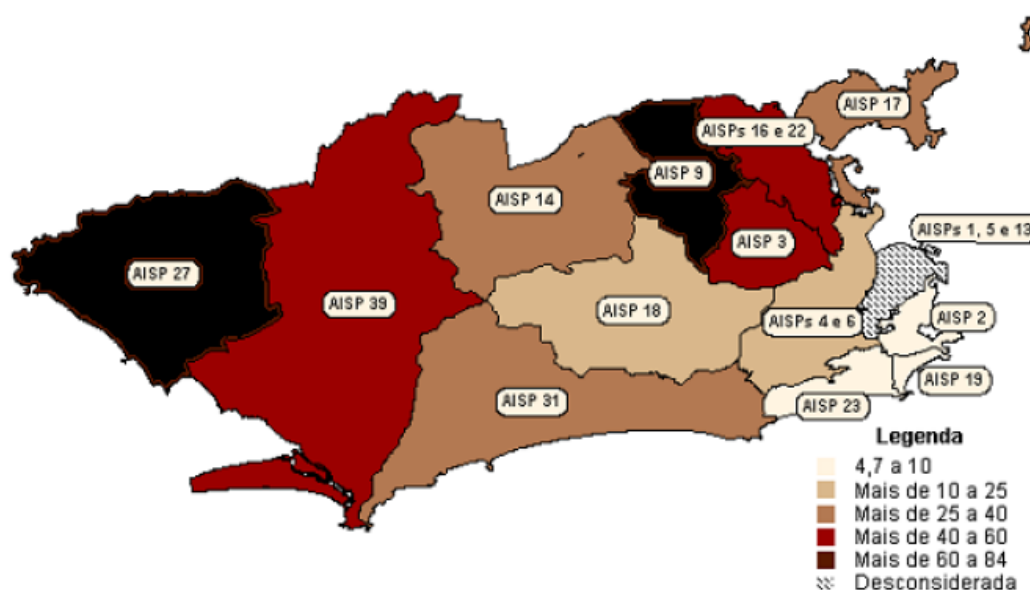
² Considera-se negros, pardos e mulatos.

Com relação à distribuição espacial do crime, é evidente que a maior incidência ocorre nas áreas com população mais pobre, como as periferias e as favelas. No Rio de Janeiro, a maior incidência de homicídios ocorre nas favelas e em regiões pobres tomadas pelo poder paralelo do tráfico de drogas que, a partir da década de 80, uniu forças ao tráfico de armas, facilitando o acesso e o abastecimento de armas de fogo.

O aumento das taxas de homicídio nessas regiões, sobretudo dos anos 1980 aos 2000, se deve ao crescente poder dessas facções criminosas dentro dessas comunidades, aos constantes confrontos armados com policiais a fim de reprimir e combater esses crimes, e também ao confronto entre facções rivais, que disputam pontos de venda e distribuição de drogas nas comunidades, refletindo em altas taxas de homicídio nessas áreas. Estatisticamente, enquanto que em 1980 as mortes causadas por armas de fogo totalizavam 43,9% dos homicídios, em 2000 esse percentual subiu para 68%, evidenciando a forte ligação entre drogas e armas para a escalada das criminalidades violentas.

A Figura 1, a seguir, mostra a má distribuição espacial da taxa de homicídio nas regiões do município do Rio de Janeiro. O mapa é dividido por Áreas Integradas de Segurança Pública, AISP, para melhor agrupar as regiões que estão sob mesma área de atuação dos batalhões de Polícia Militar e delegacias de Polícia Civil com as divisões administrativas oficiais.

Figura 1 – Taxa de homicídios por cem mil habitantes no município do Rio de Janeiro: Áreas Integradas de Segurança Pública – 2003



Fontes: Diário Oficial (ocorrências registradas pela Polícia Civil) e IPP (estimativas populacionais por bairros para 2002)

Na figura 1, vemos que as AISP 27 e AISP 9, que reúnem bairros como Santa Cruz, Irajá, Rocha Miranda, Pavuna, Madureira e Acari, são as que apresentam a maior taxa de homicídio do município, chegando a 84 por cem mil habitantes. Junto a essas, as AISP 39, 3, 16 e 22 compõe as regiões com mais alto índice de homicídios da cidade. Essas últimas, que são compostas por bairros como Campo Grande, Guaratiba, Inhaúma, Méier, Ramos, Penha e a favela do Vigário Geral, apresentam taxa média de homicídio de 50 por cem mil habitantes. Todas essas são áreas pobres com pouca infraestrutura e que receberam pouco investimento econômico e social, assim como as primeiras citadas.

No outro extremo, as regiões que apresentam mais baixo índice de homicídio na cidade são aquelas compostas por população de alto poder aquisitivo e que receberam investimentos em infra-estrutura e capital social. São as AISP 2, 19 e 23, formadas por bairros da Zona Sul da cidade, como Lagoa, Jardim Botânico, Ipanema, Copacabana e Botafogo, onde essa taxa variou de 4,7 a 10 homicídios por cem mil habitantes no ano de 2003.

O estabelecimento de grupos armados e do tráfico de drogas nessas comunidades mais pobres do município é facilitado pela ausência de instituições públicas, como escolas e centros de atendimento médico, e de segurança, com a falta de patrulhamento da polícia. Além disso, o tráfico se torna grande atrativo para crianças e adolescentes que vivem nessas áreas, devido à sua perspectiva pessimista de seu papel na sociedade. O tráfico se torna uma opção lucrativa e poderosa para aqueles que têm poucas opções e poucos laços com os contratos sociais, apesar do alto risco de vida.

Até o início da década de 1990, pouco estudo e atenção foram dedicados ao tema da criminalidade e violência no Brasil, sobretudo a disparada dos índices a partir dos anos 1980. Da mesma maneira, e até mesmo como uma consequência disso, poucos foram os investimentos feitos nas instituições policiais, estas responsáveis por garantir a ordem e a segurança em suas regiões de atuação, além de que deveriam ter sido os responsáveis pelo controle dos avanços das taxas. Há reflexos estruturais e de médio/longo prazo dessa falta de investimento. Atualmente, a violência policial se tornou um problema para as comunidades que estão sob influência de atividades criminosas, assim como o tráfico, e as estatísticas para o ano de 2002 mostram que 10% dos homicídios no Rio de Janeiro foram cometidos por policiais. Isso se dá, sobretudo, devido a conflitos com os grupos armados, e as vítimas são, em sua maioria, homens negros.

Além disso, vemos membros dessas instituições envolvidos direta ou indiretamente com os agentes do tráfico de drogas, armas e/ou outras atividades criminosas, e isso não se restringe a funcionários de baixo calão; envolve pessoas de todos os níveis hierárquicos dessas instituições, impactando de maneira negativa o capital social: reflete nas inseguranças, no sentimento de medo e no nível de confiança interpessoal da sociedade.

O Brasil e, mais especificamente, a cidade do Rio de Janeiro têm sofrido de maneira significativa o aumento dessas taxas de criminalidade e violência. Nessa seção, expomos os dados e as estatísticas disponíveis com relação ao tema para melhor embasar essa tendência. No entanto, quais são as perdas e prejuízos para a sociedade, além das estatísticas e das perdas físicas? A criminalidade e a violência causam prejuízos imediatos e tangíveis, porém afetam consideravelmente também o capital social de uma sociedade: a sensação de medo e de insegurança parecem afetar as relações interpessoais, reduzindo a predisposição dos indivíduos em depositar confiança nos agentes que compõe suas relações. A seção que segue será dedicada ao estudo de um componente do capital social: o grau de confiança dos indivíduos, seus determinantes e seus reflexos nos mais diversos tipos de relação estabelecidos dentro de uma sociedade.

3. Confiança e capital social

Nessa seção estudaremos os determinantes e os efeitos do grau de confiança dos indivíduos para que seja possível, na seção posterior, buscar a correlação deste com a criminalidade.

Existe uma razão para explicar o interesse dos economistas no grau de confiança das pessoas: este está diretamente relacionado ao capital social. O economista Robert Putnam dedicou vários trabalhos ao tema – capital social – e o definiu como sendo “características da vida social, rede de contatos, normas, confiança que permitem que participantes ajam juntos de maneira mais eficiente para atingir objetivos comuns”³. A ideia de capital social é justamente a validade das regras de reciprocidade dentro de determinado grupo. Putnam afirma que o capital social tem duas facetas: a pública e a privada. Focamos aqui na pública e seus retornos para a sociedade.

Dentro de uma comunidade, muitos grupos são formados. A sociedade é, portanto, composta por grupos formais e informais, com regras internas bem delimitadas e com respectivos retornos. Cada grupo é formado por pessoas com as mesmas aspirações e crenças. Sendo a sociedade um grande grupo formal, espera-se que os indivíduos que nela vivem ajam de maneira correta de acordo com suas regras para que haja bem-estar social. Em sociedades com maior capital social, por exemplo, os contratos informais são firmados com maior facilidade. A lógica aqui é a da Teoria dos Jogos: quanto mais firmes os laços com o resto da sociedade e quanto maior o comprometimento e a crença na reciprocidade, menor é a necessidade de se firmar contratos formais, afinal acredita-se na disposição do outro em honrar seu compromisso. Analogamente, em sociedades em que o capital social é baixo, pouca confiança é depositada nos indivíduos, sendo necessária a formalidade dos contratos na maioria das vezes.

Muitos trabalhos já foram dedicados ao tema de capital social e confiança, e costuma-se chegar a conclusões comuns como, por exemplo, os fatores determinantes do grau de confiança dos indivíduos. Dentre esses, cabe considerar, principalmente:

- experiências passadas que causaram algum tipo de trauma no indivíduo;
- quando o indivíduo pertence a um grupo que apresenta histórico de ter sofrido discriminação;

³ “features of social life, networks, norms, trust that enables participants to act together more effectively to pursue shared objectives”, Putnam (2005).

- indivíduos e comunidades que não são bem-sucedidos em termos de renda e educação;

- vivência em comunidade multi-racial e/ou com alto grau de desigualdade de renda.

Esses fatores são aplicados tanto no âmbito individual quanto coletivo.

Primeiramente, deve-se relacionar o grau de confiança das pessoas com suas experiências passadas e histórico coletivo. Um indivíduo confia mais naqueles que lhe foram fiéis e menos naqueles – sejam indivíduos ou grupos – que lhe causaram algum tipo de malefício ou praticaram atos discriminatórios. Dentro da argumentação da reciprocidade, grupos de pessoas que sofreram experiências traumáticas ou apresentam histórico de discriminação tendem a confiar menos, tanto na ótica individual quanto coletiva, devido à expectativa de tratamento em suas relações futuras.

A heterogeneidade é outro fator relevante na determinação do grau de confiança. A maioria das pessoas tende a confiar menos naqueles que são diferentes – social, econômica, racialmente... – porque a familiaridade contribui para o grau de confiança. Além disso, grupos heterogêneos têm dificuldades em dividir e financiar bens públicos porque não confiam uns nos outros. Estudos apontam para o fato de que as heterogeneidades racial e financeira, ou seja, má distribuição de renda, tendem a ter maiores reflexos negativos no grau de confiança dos indivíduos e, conseqüentemente, no capital social dessas sociedades.

A religião e a etnia também parecem contribuir para as relações de confiança. No estudo feito por Guiso, Sapienza e Zingales (2008), mostra-se que povos que compartilham as mesmas crenças religiosas e que mais se assemelham fisicamente estão mais propensos a confiar uns nos outros. De maneira oposta, esse estudo mostra que povos que já estiveram em guerra, mesmo que há muitos anos, dizem confiar menos nos indivíduos da pátria então rival. Isso nos mostra que a cultura de uma sociedade é determinante para estabelecer o nível de confiança interpessoal.

Além disso, o grau de confiança de uma sociedade também depende do tempo de interação entre os indivíduos. A lógica da Teoria dos Jogos se aplica mais uma vez nessa hipótese: o nível de confiança tende a ser maior de acordo com o tempo de interação entre os indivíduos; quanto maior a expectativa de repetições das interações no futuro entre as pessoas envolvidas, maior tende a ser o grau de confiança nessa relação, pois maiores são os custos da retaliação, o que induz ao equilíbrio cooperativo. Analogamente, quanto mais esporádicas as relações, menores são as possibilidades de

retaliação e, conseqüentemente, menores são as expectativas de comportamento cooperativo, reduzindo o grau de confiança dos indivíduos envolvidos. Por este motivo, pessoas que vivem há mais tempo em determinada comunidade e apresentam maior tempo de interação com os indivíduos que nela convivem tendem a confiar mais uns nos outros.

O grau de confiança também é afetado pela maturidade das instituições legais da sociedade. As instituições policiais, principalmente, costumam influenciar de maneira significativa. Em uma sociedade onde as instituições apresentam altos índices de repressão e combate ao crime, as pessoas se sentem mais seguras e, por isso, apresentam maior grau de confiança.

As instituições policiais no Brasil, por exemplo, não aparentam ser tão maduras e bem estruturadas, sobretudo a Polícia Militar. Uma pesquisa recente, realizada pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa Social (IBPS) com relação à confiança da população na Polícia Militar no Rio de Janeiro, apenas 34% dos entrevistados disseram que confiam, sendo que 1% respondeu que “confia muito” e 33% que “confia”. Da parcela que respondeu que não confia (33%), é comum que já tenha sofrido abordagem inapropriada da PM. Pessoas que foram corrompidas e/ou ameaçadas por policiais a fim de corrompê-las são as que mais responderam não confiar na instituição. Além dessas, pessoas que já passaram por falsa blitz ou sabem de casos de pessoas próximas que já passaram, respondem comumente não confiar na Polícia Militar por não saber distinguir bandidos de agentes responsáveis pela segurança de sua comunidade.

Analisados os determinantes do nível de confiança dos indivíduos, quais são os seus efeitos para a sociedade? O grau de confiança de uma sociedade influencia os mais diversos tipos de relações e de contratos. Ele é determinante em transações que envolvem pagamentos futuros em troca de bens e serviços presentes, em contratos de trabalhos que envolvem tarefas que são de difícil monitoramento e em decisões de investimento e poupança, em que tem de haver garantias de que bancos e/ou governos não irão expropriar os ativos. Dessa forma, sociedades com grau de confiança mais alto gastam menos com mecanismos e ferramentas que asseguram o bom funcionamento de suas transações econômicas. Da mesma maneira, quanto maior o grau de confiança interpessoal, menor é a necessidade de se firmar contratos escritos e maior é a facilidade de fazer investimentos via mercados de crédito informais, sobretudo quando há pouco ou difícil acesso a crédito bancário.

O grau de confiança coletivo, por exemplo, parece afetar de maneira significativa o comércio entre dois países. Em Guiso, Sapienza e Zingales (2008) há evidências estatísticas de que, quanto menor o nível de confiança bilateral, maiores são os custos e as dificuldades em se estabelecer comércio entre dois mercados.

Não só o comércio de bens e serviços, como também os investimentos estrangeiros diretos e o mercado financeiro de um país parecem ser afetados pelo grau de confiança na mesma direção. Os investimentos, sobretudo, parecem sofrer mais os efeitos do grau de confiança de uma sociedade devido à sua característica de médio/longo prazo. O grau de confiança de uma sociedade afeta duas vezes mais os investimentos estrangeiros diretos se comparados com o comércio de bens e serviços, devido à demanda de contratos mais confiáveis dos IEDs.

Isso mostra que a cultura, as experiências passadas e os demais determinantes de confiança têm reflexos nas relações interpessoais e nas esferas mais complexas da sociedade, como as instituições. O mais comum é que países étnica e culturalmente semelhantes tenham mais facilidade em firmar negócios bilaterais, evidenciando a importância econômica desses determinantes.

Indivíduos que vivem em sociedades que apresentam maior grau de confiança também se utilizam de menos recursos para garantir a própria segurança e direitos de propriedade, como serviços de segurança privada em ruas, por exemplo.

Quando as pessoas confiam umas nas outras, os custos de transação das atividades econômicas são reduzidos, grandes organizações funcionam melhor, o governo é mais eficiente, o desenvolvimento financeiro ocorre de maneira mais rápida: mais confiança está relacionada a sucesso econômico.

Atualmente, um fator significativo que está relacionado ao capital social é a criminalidade. A criminalidade está negativamente associada ao capital social, tanto na dimensão do Estado, quanto na dimensão das comunidades e até mesmo dos bairros, e ao grau de confiança interpessoal. Mais do que a pobreza, as taxas de homicídio – que relacionam a criminalidade e a violência – estão diretamente associadas ao baixo capital social, por exemplo. Não só os crimes violentos são considerados aqui, mas também a discriminação é um exemplo de crime não violento que, como vimos, parece estar diretamente relacionado ao grau de confiança nas relações interpessoais, provocando reflexos negativos no capital social de uma determinada sociedade.

Como analisado na seção anterior, os índices de criminalidade, sobretudo crimes violentos, disparou de maneira significativa no Brasil e também no Rio de Janeiro.

Dado o crescimento das taxas de criminalidade nos últimos anos e os fatores que parecem afetar o grau de confiança dos indivíduos e de uma sociedade, a próxima seção será dedicada ao estudo dos efeitos da criminalidade na região metropolitana do Rio de Janeiro, bem como das características individuais e sociais, no nível de confiança das pessoas que nela vivem.

4. O Modelo Empírico

Essa seção tratará de buscar a correlação entre grau de confiança dos indivíduos e a criminalidade, sofrida por eles direta ou indiretamente. Para isso, serão utilizadas variáveis que remetem ao perfil individual e social dos indivíduos e variáveis de crime – da ocorrência desses com os indivíduos. Essas variáveis serão relacionadas com variáveis dependentes de grau de confiança. Essa seção apresentará os dados, a metodologia utilizada e as estatísticas descritivas.

4.1. Dados e Estatísticas Descritivas

A fonte de dados utilizada neste trabalho é da Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização de 2007, feita pelo Instituto de Segurança Pública para a região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi feita na forma de entrevistas com questões que englobam temas do cotidiano da população, como condições de moradia e de infra-estrutura do local de moradia, relacionamento com vizinhos e situações de violência das quais as pessoas possam ter sido vítimas. A pesquisa foi feita com cerca de 4 mil pessoas. Cada indivíduo representou outros 1,5 mil moradores da região considerada.

A pesquisa tem como objetivo buscar as informações sobre violência e criminalidade na região metropolitana do estado. Pesquisas de vitimização como esta possibilitam não só melhorar a estimativa da taxa de criminalidade real, cobrindo uma parcela da sub-notificação criminal, como também permitem saber a recorrência que o indivíduo sofre determinados tipos de crime, o sentimento de segurança e confiança nas relações interpessoais, nas instituições policiais e na justiça, entre outras constatações.

Para medir o efeito da criminalidade e demais variáveis individuais no grau de confiança da população, foram criadas quatro variáveis *dummies* distintas de confiança. Estas são as variáveis dependentes das regressões. Essas variáveis originaram-se, basicamente, de três questões da Pesquisa de Vitimização, sendo uma utilizada para a criação das quatro variáveis: “Com relação ao seu vizinho, o(a) Sr(a) diria que confia na maioria deles, em alguns deles ou em nenhum deles?”. As outras duas questões foram utilizadas somente nas variáveis *confianca1* e *confianca2*, e são as seguintes: “O(A) Sr(a) acha que poderia contar com seus vizinhos, se precisasse, para tomar conta da casa

enquanto não está?” e “O(A) Sr(a) acha que poderia contar com seus vizinhos, se precisasse, para fazer compras a crédito (cartão, cheque, carnê)?”.

Há dois tipos de variáveis que podemos correlacionar com o grau de confiança: as variáveis individuais, como idade, sexo, raça; e as variáveis que dizem respeito à comunidade na qual os indivíduos vivem. Neste trabalho, estas variáveis são aquelas que dizem respeito ao tipo de moradia, a crimes e violência, retiradas da Pesquisa.

Da fonte de dados desta pesquisa, portanto, obtemos dados individuais, como idade, sexo, raça, estado civil, religião, escolaridade e renda dos entrevistados, e também dados referentes à espacialidade e mobilidade dos indivíduos, como a localização do domicílio, o tipo de construção da moradia, o tempo que vive na cidade onde moram e o tempo que vive na vizinhança. Para todos esses dados, exceto idade, foram criadas variáveis *dummies*.

Por fim, obtemos dados de vitimização que permitirão a geração das variáveis de criminalidade. As variáveis de criminalidade criadas que serão utilizadas são referentes a vários tipos de crime que os entrevistados tenham sofrido, desde furtos e tentativas de furtos a crimes violentos, como agressão física, atentados com armas de fogo e outros tipos de arma, entre outros.

As tabelas 1, 2 e 3 a seguir apresentam as estatísticas sumárias das variáveis utilizadas nesse trabalho. A Tabela 1 descreve as variáveis de interesse e as tabelas 2 e 3 são referentes às variáveis individuais e as variáveis de crime, respectivamente – variáveis explicativas.

A segunda coluna das tabelas apresentam as médias das variáveis; a terceira, o desvio padrão, e a quarta, o número de entrevistados observados para cada variável. Como todas as variáveis, exceto a que se refere à idade dos entrevistados, são *dummies*, as médias estão dentro de um intervalo entre 0 e 1.

Tabela 1: Estatísticas sumárias das variáveis de confiança

| | Média | Desvio Padrão | No. Observações |
|------------|-------|---------------|-----------------|
| confia1 | 0.80 | 0.40 | 4553 |
| confia2 | 0.26 | 0.44 | 4553 |
| confianca1 | 0.86 | 0.35 | 4553 |
| confianca2 | 0.64 | 0.48 | 4553 |

Onde:

- *Confia1*; =1, se pessoas responderam que confiam na maioria dos vizinhos ou em alguns vizinhos; = 0, caso contrário;
- *Confia2*; =1, se pessoas responderam que confiam na maioria dos vizinhos; = 0 c.c.;
- *Confianca1*; =1, se pessoas responderam que confiam na maioria dos vizinhos ou em alguns vizinhos, e que acreditam poder contar com eles para tomar conta de suas casas e fazer compras a crédito; = 0 c.c.;
- *Confianca2*; =1, se pessoas responderam que confiam na maioria dos vizinhos, e que acreditam poder contar com eles para tomar conta de suas casas e fazer compras a crédito. = 0 c.c..

Observa-se que as variáveis *confia2* e *confianca2*, que não consideram a resposta “Confia em alguns dos seus vizinhos” como um fator positivo para a determinação do grau de confiança, apresentam médias significativamente mais baixas que as variáveis que consideram essa resposta um determinante positivo do grau de confiança dos entrevistados. Veremos mais adiante, também, que essa diferente conceituação resulta em diferentes resultados na correlação com as variáveis explicativas.

Tabela 2: Estatísticas sumárias das variáveis individuais

| | Média | Desvio Padrão | No. Observações |
|------------------|-------|---------------|-----------------|
| idade | 41.76 | 16.40 | 4552 |
| homem | 0.39 | 0.49 | 4553 |
| casado | 0.53 | 0.50 | 4553 |
| branco | 0.43 | 0.49 | 4539 |
| renda_mais10 | 0.071 | 0.26 | 4553 |
| educ_menos12 | 0.57 | 0.50 | 4553 |
| educ_mais16 | 0.11 | 0.31 | 4553 |
| rel_evangelico | 0.31 | 0.46 | 4553 |
| favela | 0.12 | 0.33 | 4553 |
| reside_mais5 | 0.90 | 0.30 | 1838 |
| vizinhanca_mais5 | 0.77 | 0.42 | 4553 |

Onde:

- *idade* = idade do entrevistado;

- *homem* = variável *dummy* de sexo. homem=1, se indivíduo for do sexo masculino; = 0 se for do sexo feminino;
- *branco* = variável *dummy* de raça. branco= 1, se indivíduo for branco; = 0 c.c.;
- *casado* = variável *dummy* de estado civil. casado=1, se indivíduo é casado; = 0 c.c.;
- *rel_evangelico* = variável *dummy* de religião. rel_evangelico=1, se indivíduo é de religião evangélica (pentecostal ou não pentecostal); = 0 c.c.;
- *educ_menos12* = variável *dummy* de educação. educ_menos12=1, se indivíduo possuir nível de educação abaixo de 12 anos (até ensino médio incompleto); = 0 c.c.;
- *educ_mais16* = variável *dummy* de educação. educ_mais16=1, se indivíduo possuir nível de educação acima de 16 anos (superior completo ou mais); = 0 c.c.;
- *renda_mais10* = variável *dummy* de renda. renda_mais10=1, se renda familiar mensal do entrevistado for maior que 10 salários mínimos (R\$3.500,00); = 0 c.c.;
- *favela* = variável *dummy* de localização do domicílio. favela=1, se indivíduo reside em favela ou em área invadida/ocupada; = 0 c.c.;
- *reside_mais5* = variável *dummy* de tempo de residência na cidade onde mora. = 1, se indivíduo reside há mais de 5 anos; = 0 c.c.;
- *vizinhanca_mais5* = variável *dummy* de tempo de residência na vizinhança. vizinhanca_mais5=1, se indivíduo reside há mais de 5 anos na mesma vizinhança; = 0 c.c..

Tabela 3: Estatísticas sumárias das variáveis de crime

| | Média | Desvio Padrão | No. Observações |
|---------------|-------|---------------|-----------------|
| crime_policia | 0.21 | 0.41 | 4553 |
| crime1 | 0.38 | 0.49 | 4553 |
| ofensa_sex | 0.02 | 0.14 | 4553 |
| agressao | 0.28 | 0.45 | 4553 |
| discriminacao | 0.19 | 0.39 | 4553 |
| estelionato | 0.19 | 0.39 | 4553 |

Onde:

- *Crime_policial* = variável *dummy* de crimes cometidos pela polícia. *Crime_policial*=1, se indivíduo já viu e/ou ouviu falar de: policiais recebendo dinheiro e/ou intimidando pessoas e/ou agredindo pessoas na vizinhança; = 0 c.c.;
- *Crime1* = variável *dummy* de crimes variados. *Crime1*=1, se nos últimos 5 anos já sofreu arrombamento de casa ou tentativa de arrombamento; sofreu roubo ou tentativa de roubo da casa; sofreu furto ou tentativa de furto de algum bem; se já teve veículo roubado ou sofreu tentativa de roubo; sofreu roubo ou tentativa de roubo de outro bem; = 0 c.c.;
- *Agressao* = variável *dummy* de crime de agressão. *Agressao*=1, se nos últimos 5 anos já foi vítima de chute, empurrão; espancamento ou tentativa de estrangulamento; esfaqueamento ou tiro; ameaça com faca ou arma de fogo; = 0 c.c.;
- *Discriminacao* = variável *dummy* de crime de discriminação. *Discriminacao*=1, se nos últimos 5 anos sofreu discriminação étnica, racial, sexual e/ou social; = 0 c.c.;
- *Ofensa_sex* = variável *dummy* de crime de ofensa sexual. *Ofensa_sex*=1, se nos últimos 5 anos sofreu algum tipo de ofensa sexual; = 0 c.c.;
- *Estelionato* = variável *dummy* de crime de estelionato. *Estelionato*=1, se nos últimos 5 anos sofreu alguma fraude ou tentativa de fraude ou outro crime de estelionato; = 0 c.c..

A próxima seção é dedicada à análise dos resultados das variadas regressões para achar os determinantes do grau de confiança dos indivíduos.

5. Resultados

5.1. Características individuais

A tabela 4 apresenta o resultado da regressão das variáveis de confiança com as variáveis individuais dos entrevistados da Pesquisa de Vitimização.

Tabela 4: Determinantes individuais de grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|-----------------------|----------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| idade | 0.002 [0.000]*** | 0.005 [0.001]*** | 0.001 [0.000]*** | 0.002 [0.001]** |
| homem | 0.026 [0.015]* | 0.020 [0.018] | 0.007 [0.013] | -0.004 [0.019] |
| casado | 0.002 [0.015] | -0.001 [0.018] | 0.014 [0.013] | 0.021 [0.019] |
| branco | -0.009 [0.016] | 0.012 [0.018] | 0.003 [0.015] | -0.031 [0.019] |
| educ_menos12 | -0.051 [0.017]*** | -0.046 [0.023]** | -0.033 [0.015]** | -0.042 [0.022]* |
| educ_mais16 | 0.011 [0.025] | -0.020 [0.037] | -0.001 [0.024] | -0.011 [0.035] |
| renda_mais10 | 0.026 [0.028] | 0.023 [0.037] | -0.005 [0.027] | -0.026 [0.038] |
| rel_evangelico | -0.023 [0.016] | 0.006 [0.018] | -0.007 [0.014] | 0.013 [0.019] |
| Constante | 0.741 [0.024]*** | 0.066 [0.026]** | 0.817 [0.022]*** | 0.613 [0.029]*** |
| Observações | 4538 | 4538 | 4538 | 4538 |
| R ² | 0.01 | 0.04 | 0.01 | 0.01 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significante no nível de 10%; ** significante no nível de 5%; *** significante no nível de 1%

Observa-se que a variável de idade é positivamente correlacionada ao grau de confiança das pessoas para todas as variáveis de confiança, isto é, a confiança dos indivíduos tende a aumentar com a idade. Nesse caso, quando comparamos a variável *confianca2* com as demais variáveis dependentes, vemos que o nível de significância diminui de 1% para 5%. A variável é mais restrita que as demais variáveis de confiança e representa os indivíduos que confiam na maioria dos vizinhos, além de confiar nos mesmos para tomar conta de suas casas e fazer comprar a crédito.

Outra variável que se mostra significativa estatisticamente é a de educação, *educ_menos12*. Esta variável, ao contrário da variável de idade dos indivíduos, é

negativamente correlacionada à confiança. Pessoas com nível de escolaridade abaixo de 12 anos, ou seja, que tenham nível de educação até o ensino médio incompleto, têm grau de confiança mais baixo que pessoas com maior nível de instrução. É interessante observar que, para essa variável, o nível de significância diminui ao mudar o conceito de confiança dos indivíduos de “confia” para “confiança”. Ao introduzirmos as considerações com relação a compras a crédito e confiança da casa a vizinhos, a significância estatística, apesar de se manter alta, diminui. Enquanto que a correlação com a variável que considera indivíduos que confiam na maioria dos vizinhos ou apenas em alguns deles – *confial* – apresenta nível de significância de 1%, a variável que conceitua o grau de confiança de forma mais restrita – *confianca2* – é também significativa, no entanto no nível de 10%.

A variável que considera o sexo dos entrevistados mostra que os homens estão mais propensos a depositar confiança nas suas relações interpessoais que as mulheres. Porém, a *dummy* de sexo não parece ser significativa estatisticamente para todas as variáveis de confiança, exceto para *confia*, que apresenta significância no nível de 10%. Isso quer dizer que, apesar de relevante, o grau de confiança não é muito sensível ao sexo do indivíduo. A variável *homem* apresenta correlação positiva com a grau de confiança das pessoas, salvo a variável *confianca2* que, no entanto, não apresenta significância estatística.

Inesperadamente, o nível de renda, a raça dos entrevistados e a religião *per se* não são significantes na análise do grau de confiança das pessoas.

Uma última observação com relação a essa regressão merece ser comentada, que é o resultado das correlações das variáveis de interesse com o nível de renda dos indivíduos. A variável *renda_mais10*, apesar de não ser significativa estatisticamente para nenhum dos conceitos utilizados de confiança, expõe uma tendência: pessoas com nível de renda familiar mensal acima de 10 salários mínimos – R\$3.500,00 – parecem confiar mais nos seus vizinhos de uma forma geral que pessoas com nível de renda familiar mensal abaixo disso; no entanto, ao analisarmos os resultados para as variáveis “confiança”, que consideram não só a confiança nos vizinhos de forma geral, mas também as compras a crédito e a confiança das próprias casas a vizinhos, a correlação se inverte: deixa de ser positiva e passa a ser negativa. Ou seja, quanto maior a renda familiar do indivíduo, menos ele confia nos vizinhos no que diz respeito a patrimônio e capital.

5.2. O crime e o grau de confiança

Analizadas as características individuais que mais afetam o grau de confiança dos indivíduos, vemos agora de que forma a criminalidade afeta esse componente do capital social. Primeiramente, regredimos todas as variáveis de crime em função das variáveis de grau de confiança.

Tabela 5: Criminalidade e grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|-----------------------|----------------------|----------------------|---------------------|---------------------|
| crime1 | 0.002 [0.016] | -0.016 [0.020] | 0.003 [0.014] | -0.024 [0.019] |
| crime_policial | -0.014 [0.021] | -0.022 [0.021] | 0.011 [0.019] | 0.035 [0.024] |
| agressao | -0.052 [0.019]*** | -0.053 [0.020]*** | -0.042 [0.017]** | -0.055 [0.023]** |
| discriminacao | 0.002 [0.020] | -0.021 [0.022] | 0.006 [0.017] | 0.029 [0.025] |
| estelionato | -0.020 [0.020] | -0.024 [0.022] | 0.002 [0.017] | 0.009 [0.026] |
| ofensa_sex | -0.044 [0.055] | -0.084 [0.046]* | -0.037 [0.049] | -0.055 [0.067] |
| Constante | 0.823 [0.010]*** | 0.305 [0.015]*** | 0.863 [0.009]*** | 0.656 [0.013]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R² | 0.00 | 0.01 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativa no nível de 10%; ** significativa no nível de 5%; *** significativa no nível de 1%

Nessa regressão, a única variável que apresenta um resultado coerente para todas as variáveis dependentes é *agressao*. Esta variável, que considera crimes violentos com lesão corporal ou tentativa de lesão corporal, inclusive com arma de fogo, é negativamente relacionada ao grau de confiança e bastante significativa. A significância diminui ao considerarmos as variáveis *confianca1* e *confianca2*; no entanto, se mantém alta.

A significância e o sinal das demais variáveis mudam de acordo com a definição de confiança utilizada. Dessa forma, para melhor compreensão da relação de cada tipo de crime com o grau de confiança dos indivíduos, regredimos cada variável explicativa separadamente.

Primeiramente, regredimos a variável *crime1* com as variáveis de confiança de interesse. O resultado é dado na Tabela 6.

Tabela 6

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| crime1 | -0.015 [0.016] | -0.037 [0.019]* | -0.006 [0.014] | -0.031 [0.019]* |
| Constante | 0.810 [0.009]*** | 0.286 [0.012]*** | 0.860 [0.008]*** | 0.659 [0.011]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R ² | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativo no nível de 10%; ** significativo no nível de 5%; *** significativo no nível de 1%

A variável *crime1*, que considera crimes – ou tentativas de – como roubo e furto de bens e casas, bem como arrombamento de casa sofridos pelos indivíduos, quando regredida separadamente, se mostra significativa e negativamente relacionada ao grau de confiança. A significância desses tipos de crime só existe ao restringirmos o conceito de confiança das pessoas a quem respondeu na Pesquisa apenas que “confia na maioria dos vizinhos” – e não considera positivas as respostas de pessoas que dizem confiar em “alguns vizinhos apenas”. Essas são as variáveis *confia2* e *confianca2*. Ou seja, quando o conceito de confiança se estreita, os crimes de roubo e furto, que são os mais comuns e de maior frequência na sociedade – 38% dos entrevistados da Pesquisa de Vitimização afirmaram ter sofrido algum desses tipos de crime –, parecem reduzir o nível de confiança interpessoal de forma significativa.

Apesar de essa variável considerar crimes sofridos com bastante frequência pela sociedade, veremos mais adiante que estes não são os que apresentam maior significância estatística na correlação com o grau de confiança das pessoas.

A tabela 7 expõe os efeitos dos crimes cometidos por policiais pela sociedade. Na tabela 5, onde a regressão considera todas as variáveis de crime como explicativas, a variável que considera esse tipo de crime não tem significância estatística. No entanto, ao isolarmos *crime_policia1* em função das variáveis de confiança, a insignificância estatística se mantém para as variáveis *confia1*, *confianca1* e *confia2*, mas a variável se mostra negativamente relacionada e estatisticamente significativa no nível de 5% com a variável *confia2*, que utiliza o conceito mais restrito de grau de confiança.

Tabela 7: Crime policial e grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|-----------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| crime_policial | -0.028 [0.020] | -0.044 [0.021]** | 0.004 [0.017] | 0.028 [0.023] |
| Constante | 0.811 [0.008]*** | 0.285 [0.011]*** | 0.857 [0.007]*** | 0.644 [0.010]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R ² | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativo no nível de 10%; ** significativo no nível de 5%; *** significativo no nível de 1%

Esse resultado nos mostra que indivíduos que tenham tido experiência negativa com a polícia – se já viram ou ouviram falar de policiais sendo corruptos ou corrompidos, recebendo dinheiro de maneira ilegal; ou abusando de poder, intimidando civis e/ou agredindo-os – confiam menos na maioria de seus vizinhos. A correlação dos crimes policiais com a confiança das pessoas é negativa e significativa.

Os resultados das regressões da variável *crime_policial* com as variáveis de interesse *confianca1* e *confianca2* são confusos, pois apresentam uma correlação positiva entre as variáveis dependentes e essa variável explicativa. Isso significaria que pessoas que tenham sofrido esse tipo de crime tendem a confiar mais nos seus vizinhos, além de confiar a eles as próprias casas e compras a crédito. Esses resultados, porém, não têm significância estatística aqui.

A próxima variável de crime que queremos estudar é a que diz respeito aos crimes de agressão. A tabela 8 apresenta os resultados.

Tabela 8: Agressão e grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|------------------|----------------------|----------------------|---------------------|---------------------|
| agressao | -0.060 [0.018]*** | -0.076 [0.019]*** | -0.038 [0.016]** | -0.048 [0.021]** |
| Constante | 0.819 [0.008]*** | 0.292 [0.012]*** | 0.867 [0.008]*** | 0.661 [0.011]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R ² | 0.00 | 0.01 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativo no nível de 10%; ** significativo no nível de 5%; *** significativo no nível de 1%

A variável *agressao* é a única que mantém o nível de significância e o sinal com relação às variáveis dependentes inalterados tanto na Tabela 8, que apresenta o

resultado da regressão isolada desta variável, e na Tabela 5, que considera todas as variáveis de crime.

Em ambas as tabelas, a variável considerada apresenta alta significância estatística e correlação negativa com o grau de confiança dos indivíduos. Ao considerarmos as variáveis *confianca1* e *confianca2*, que amplia o conceito de grau de confiança, o nível de significância cai de 1% para 5% - comparado à significância para as variáveis *confia1* e *confia2* -, mas se mantém alto ainda assim.

A variável *agressao* engloba todo e qualquer crime sofrido pelos indivíduos que envolvam lesão corporal, ou tentativa/ameaça de lesão corporal. Ou seja, é a variável que considera os crimes violentos. Indivíduos que, nos últimos 5 anos, tenham sofrido crimes violentos confiam menos nos seu vizinhos, tanto na ótica mais ampla quanto de maneira mais restrita, como a confiança nos vizinhos para tomar conta de suas casas ou para fazer compras a crédito. O conceito de grau de confiança não parece afetar de maneira comprometedora a correlação negativa deste com as experiências desse tipo de crime passadas pelos indivíduos; tampouco afeta a significância estatística.

Não por acaso, essa variável é a que apresenta maior correlação negativa com o grau de confiança interpessoal, com maior nível de significância, tanto na análise conjunta de todos os crimes quanto na análise isolada. Os crimes violentos, como espancamento e lesões causadas por armas de fogo, por exemplo, estão diretamente relacionados com a disparada dos índices de violência e criminalidade no mundo, mais especificamente no Brasil e na região metropolitana do Rio de Janeiro, e muitas vezes estão ligados, seja direta ou indiretamente, ao poder paralelo de facções criminosas nessas regiões metropolitanas.

Na Pesquisa de Vitimização do ISP, de onde foram extraídos os dados, não temos dados temporais que nos permitam fazer comparação da variação dos crimes sofridos pelos entrevistados ou do seu grau de confiança ao longo do tempo. Não podemos afirmar que a relação entre o grau de confiança interpessoal e a criminalidade tenha sofrido alguma variação; no entanto, esse resultado de crimes violentos exposto através da variável *agressao* é extremamente significativo para o estudo contemporâneo do grau de confiança e, de maneira mais ampla, do capital social.

A seguir, isolamos a variável *discriminacao* a fim de comparar o resultado desta regressão com a exposta na Tabela 5.

Tabela 9: Discriminação e grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|----------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| discriminacao | -0.023 [0.019] | -0.053 [0.021]** | -0.005 [0.016] | 0.017 [0.023] |
| Constante | 0.809 [0.008]*** | 0.285 [0.011]*** | 0.859 [0.007]*** | 0.647 [0.010]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R ² | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativa no nível de 10%; ** significativa no nível de 5%; *** significativa no nível de 1%

Assim como para as variáveis explicativas de crimes analisadas anteriormente, exceto a variável *agressao*, o resultado desta regressão que considera experiências de discriminação sofridas pelos indivíduos isoladamente em função das variáveis de confiança é diferente do resultado obtido na regressão que considera todas as variáveis de crime como explicativas. Na Tabela 5, experiências de discriminação sexual, racial, étnica, religiosa ou social sofridas pelas pessoas não têm significância estatística para as variáveis determinantes de grau de confiança. Já a análise isolada demonstra resultado alterado, como é visto na Tabela 9, apresentando significância estatística no nível de 5% com a variável dependente que considera apenas pessoas que confiam na maioria dos seus vizinhos – *confia2*.

A correlação entre o grau de confiança e discriminação é negativa. Pessoas que sofrem discriminação de qualquer tipo confiam menos nos seus vizinhos que aquelas pessoas que não têm esse histórico. Provavelmente, isso se dá pela lógica da reciprocidade, como foi exposto na seção 3. Indivíduos que passaram por esse tipo de experiência estão menos inclinados a depositar confiança em suas relações interpessoais devido à expectativa de repetição de sofrimento desse tipo de crime.

Um tipo de crime que apresenta resultados bastante semelhantes com os crimes de discriminação é o de ofensa sexual, exposto na Tabela 10 a seguir.

Tabela 10: Ofensa sexual e grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|-------------------|---------------------|----------------------|---------------------|---------------------|
| ofensa_sex | -0.077 [0.055] | -0.137 [0.046]*** | -0.053 [0.049] | -0.068 [0.066] |
| Constante | 0.807 [0.008]*** | 0.277 [0.010]*** | 0.859 [0.007]*** | 0.651 [0.009]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R ² | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significante no nível de 10%; ** significante no nível de 5%; *** significante no nível de 1%

Assim como as regressões isoladas que consideraram crimes policiais e experiências passadas de discriminação, o resultado exposto na Tabela 10, que isola a variável *ofensa_sex*, é diferente do obtido na Tabela 5. Da mesma forma, ao fazermos a regressão considerando somente *ofensa_sex* como variável independente, também obtemos significância estatística somente para a variável dependente *confia2*.

Consideramos aqui, portanto, a correlação entre crimes de ofensa sexual e o grau de confiança determinado pela variável *confia2*. O resultado dessa correlação se assemelha ao resultado obtido para a análise de discriminação e grau de confiança. Estatisticamente, crimes de ofensa sexual são mais significativos que crimes de discriminação. O sinal da correlação, porém, é o mesmo: ambos os tipos de crime são negativamente relacionados ao nível de confiança das pessoas. Indivíduos que tenham sofrido algum tipo de ofensa sexual confiam menos.

A ofensa sexual se caracteriza como um trauma sofrido pelo indivíduo. Da mesma maneira que atos discriminatórios, os traumas afetam negativamente a confiança dos indivíduos devido à expectativa de suas interações futuras: espera-se que interações futuras se dêem da mesma forma que as interações passadas.

Para finalizar a análise isolada de crimes, estudamos os efeitos de crimes de estelionato no nível de confiança. O resultado está exposto na Tabela 11 e, mais uma vez, ele difere do resultado obtido na Tabela 5. Nesta, crimes de estelionato não apresentavam significância estatística. Na Tabela 11, todavia, captamos significância desse tipo de crime com o grau de confiança interpessoal.

Tabela 11: Estelionato e grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|--------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| estelionato | -0.035 [0.020]* | -0.049 [0.021]** | -0.005 [0.017] | 0.002 [0.024] |
| Constante | 0.812 [0.008]*** | 0.284 [0.011]*** | 0.859 [0.007]*** | 0.650 [0.010]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R ² | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativa no nível de 10%; ** significativa no nível de 5%; *** significativa no nível de 1%

Pessoas que sofreram algum tipo de fraude nos últimos 5 anos, sobretudo financeira, ou fraude como clonagem de telefone celular, por exemplo, confiam menos nos seus vizinhos que pessoas que não tenham passado por essa experiência – exceto para a variável *confianca2*. A correlação negativa deste tipo de crime com o grau de confiança das pessoas é significativa estatisticamente apenas quando consideramos as variáveis *confia1* e *confia2*. É curioso observar que não há significância estatística nessa correlação se adicionarmos ao conceito de “grau de confiança” a confiança nos vizinhos para tomar conta de suas casas e para fazer compras a crédito. Intuitivamente, esperaríamos uma correlação negativa e significativa entre compras a crédito e crimes de estelionato, sobretudo financeiro. Apesar disso, essa significância não existe nos nossos resultados.

A seguir, introduziremos outras variáveis explicativas às regressões a fim de saber quais os demais determinantes de grau de confiança das pessoas, além das características individuais e a criminalidade.

5.3. A heterogeneidade, o espaço, a mobilidade e o grau de confiança

Analisadas as correlações entre os demais tipos de crime e o grau de confiança dos indivíduos, focamos agora na análise de outros aspectos e seus impactos no grau de confiança.

Aqui, mantemos as variáveis de interesse de confiança e as variáveis explicativas de crime, mas também adicionamos variáveis que dizem respeito à heterogeneidade, à espacialidade e à mobilidade dos indivíduos e seus efeitos nas nossas variáveis de interesse. O resultado dessa regressão é apresentado na Tabela 12.

Tabela 12: Heterogeneidade, espacialidade, mobilidade e grau de confiança

| | confia1 | confia2 | confianca1 | confianca2 |
|-------------------------|---------------------|----------------------|---------------------|---------------------|
| branco | 0.014 [0.025] | 0.058 [0.037] | 0.008 [0.023] | -0.005 [0.031] |
| educ_12anos | 0.000 [0.000] | 0.000 [0.000] | 0.000 [0.000] | 0.000 [0.000] |
| educ_superior | 0.038 [0.034] | 0.023 [0.049] | -0.004 [0.033] | 0.004 [0.044] |
| renda_mais10 | 0.059 [0.040] | 0.096 [0.068] | 0.031 [0.040] | 0.045 [0.056] |
| favela | -0.022 [0.044] | -0.111 [0.039]*** | -0.012 [0.039] | 0.053 [0.046] |
| reside_mais5 | 0.024 [0.044] | 0.089 [0.045]** | 0.028 [0.042] | -0.024 [0.051] |
| vizinhanca_mais5 | 0.065 [0.031]** | 0.022 [0.037] | 0.053 [0.028]* | 0.095 [0.037]** |
| crime1 | -0.027 [0.026] | 0.009 [0.033] | -0.009 [0.023] | -0.036 [0.030] |
| crime_policial | 0.062 [0.028]** | 0.003 [0.034] | 0.058 [0.024]** | 0.056 [0.035] |
| agressao | -0.079 [0.031]** | -0.068 [0.032]** | -0.068 [0.029]** | -0.070 [0.035]** |
| discriminacao | -0.008 [0.031] | -0.057 [0.034]* | 0.002 [0.028] | 0.031 [0.037] |
| ofensa_sex | -0.028 [0.078] | -0.140 [0.054]** | -0.038 [0.077] | -0.057 [0.092] |
| estelionato | -0.043 [0.034] | -0.061 [0.035]* | 0.001 [0.027] | 0.014 [0.035] |
| Constante | 0.744 [0.041]*** | 0.224 [0.041]*** | 0.786 [0.039]*** | 0.613 [0.046]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R² | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativo no nível de 10%; ** significativo no nível de 5%; *** significativo no nível de 1%

Da mesma maneira que a Tabela 4, os resultados dessa nova regressão expostos na Tabela 12 das variáveis individuais que representam a heterogeneidade – raça, nível de educação superior a 16 anos e renda familiar mensal – não apresentam significância estatística para nossas variáveis de confiança. Ao contrário do que se esperava, essas características que podem fazer uma sociedade heterogênea não são determinantes para o grau de confiança da população da região metropolitana do Rio de Janeiro. Os estudos feitos a esse respeito para comunidades dos Estados Unidos costumam apontar a significância desses fatores para o nível de confiança de sua população com uma correlação negativa.

O resultado obtido para a RM do Rio de Janeiro, no entanto, mostra que a heterogeneidade não é significativa talvez devido ao histórico menos segregatório nas diversas relações estabelecidas entre a população dessa região; ao contrário do histórico das comunidades americanas com alto nível de heterogeneidade, que costumam apresentar histórico de segregação e discriminação.

Ao contrário do resultado obtido para heterogeneidade, as variáveis referentes à mobilidade e ao tempo de residência na cidade e na vizinhança apresentam significância estatística na correlação com o grau de confiança. Ambas as variáveis apresentam sinal positivo com relação às variáveis de interesse.

A variável *reside_mais5* é a *dummy* que representa os indivíduos que residem há mais de 5 anos na mesma cidade. Pessoas que residem há mais tempo na mesma cidade estão mais predispostas a confiar na maioria dos seus vizinhos – *confia2* -, enquanto que pessoas que vivem há menos tempo na mesma cidade confiam menos, devido ao pouco tempo de interação e conhecimento com relação à população da cidade.

Da mesma forma, a variável que representa o tempo que os indivíduos moram na mesma vizinhança – *vizinhanca_mais5* – também parece afetar de maneira positiva o grau de confiança das pessoas. Exceto para a variável *confia2*, que não é significativa, quanto mais tempo o indivíduo mora na vizinhança, maior a tendência dele confiar nos seus vizinhos. Apesar do nível de significância estatística ser de 10%, a variável *confianca1* também é representativa nessa análise. A lógica desse resultado parece ser a mesma aplicada para o tempo de residência na mesma cidade. Quanto mais tempo de interação entre as pessoas da vizinhança, acredita-se ser mais fácil a previsão de seu comportamento futuro, assim como maior é a crença de duração das interações futuras, induzindo a comportamentos cooperativos.

Nessa regressão, as variáveis dos diversos tipos de crime sofreram alterações significativas. As únicas que mantiveram as mesmas tendências expostas nas correlações isoladas com relação ao grau de confiança são as variáveis *agressao* e *discriminacao*, apesar de terem perdido significância estatística. A maior mudança aconteceu na variável que considera os crimes policiais, devido à inversão de sinais. Essa variável é positiva e estatisticamente significativa com relação às variáveis dependentes *confial* e *confianca2*, nessa regressão. Apesar dos resultados dessa regressão serem mais relevantes devido ao maior número de variáveis explicativas, não consideraremos o resultado para a variável de crime policial devido à provável correlação desta com outros fatores que afetam positivamente o grau de confiança das

peças, como o sexo, por exemplo. Esse resultado parece ser afetado por fatores que caracterizam as vítimas de crime policial e que possam estar positivamente correlacionados às variáveis que medem o grau de confiança, ou omitidos no erro.

A variável que diz respeito à característica e localização do domicílio dos entrevistados é estatisticamente significativa e negativamente correlacionada ao grau de confiança dos indivíduos. A variável *favela*, que se iguala a 1 se indivíduos moram em favelas ou áreas invadidas/ocupadas, é correlacionada negativamente ao grau de confiança quando consideramos o conceito utilizado para a variável *confia2*, ou seja, se indivíduos confiam na maioria de seus vizinhos. O nível de significância estatística dessa correlação é alto, de 1%. Também é negativamente correlacionada às variáveis *confia1* e *confianca1*, sem apresentar significância estatística.

Para buscar a explicação desse sinal negativo na correlação entre favela e grau de confiança, tentamos buscar a correlação entre os tipos de crimes estudados aqui e as características de domicílio dos indivíduos. A Tabela 13 mostra o resultado da regressão das variáveis de crime em função da variável *favela*.

Tabela 13: Favela e Criminalidade

| | crime1 | crime_policial | agressao | discriminacao | ofensa_sex | estelionato |
|------------------|----------------------|-----------------------|---------------------|----------------------|---------------------|----------------------|
| favela | -0.100 [0.025]*** | 0.085 [0.029]*** | -0.025 [0.021] | 0.044 [0.026]* | -0.002 [0.006] | -0.061 [0.020]*** |
| Constante | 0.295 [0.009]*** | 0.202 [0.008]*** | 0.227 [0.008]*** | 0.170 [0.007]*** | 0.016 [0.002]*** | 0.182 [0.008]*** |
| Observações | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 | 4553 |
| R ² | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 0.00 |

Erro-padrão robusto entre colchetes

* significativa no nível de 10%; ** significativa no nível de 5%; *** significativa no nível de 1%

Os crimes cometidos por policiais e os crimes de discriminação são os tipos de crime significantes estatisticamente e que estão positivamente correlacionados com *favela*, no nível de significância de 1% e 10%, respectivamente. Isso nos diz que indivíduos que moram em favelas e/ou áreas invadidas/ocupadas sofrem mais crimes policiais e discriminação com relação à população que reside em outros tipos de domicílio e em outras áreas da região considerada. Os crimes policiais e crime de discriminação apresentam média de 0.21 e 0.19, respectivamente, na nossa amostra. Juntos, representam 40% dos crimes sofridos pela população do Rio de Janeiro, uma percentagem alta.

Os resultados da Tabela 7 – correlação dos crimes policiais com o grau de confiança – e da Tabela 8 – correlação do crime de discriminação com o grau de confiança – nos disseram que esses tipos de crime afetam de maneira negativa o grau de confiança dos indivíduos, considerando a variável *confia2*. Isso nos mostra que o crime, o espaço e o grau de confiança estão interligados de maneira significativa.

5.4. Resumo das evidências estatísticas

Os resultados das regressões estudadas nessa seção nos mostraram que a idade, o sexo e o nível de educação afetam de maneira significativa o grau de confiança dos indivíduos. Pessoas do sexo masculino tendem a confiar mais, assim como a idade influencia de maneira positiva o grau de confiança. Pessoas com nível de educação abaixo de ensino médio completo, no entanto, depositam menos confiança em suas relações interpessoais que pessoas com maior grau de instrução. A variável de educação até 12 anos perde significância na regressão que busca a correlação entre heterogeneidade, criminalidade, mobilidade e espacialidade com o grau de confiança, exposta na Tabela 12, apesar de bastante alta no resultado da Tabela 4. A variável de idade também apresenta nível de significância estatística alto nesta Tabela.

Ao contrário do esperado, a raça, a religião e o nível de renda familiar dos indivíduos não parecem influenciar significativamente o grau de confiança das pessoas, apesar dos sinais da correlação renda/grau de confiança parecerem corretos. Da mesma maneira, o estado civil também não é determinante para o nível de confiança interpessoal.

Com relação às variáveis que consideram os crimes, analisadas isoladamente em função das variáveis de confiança, todas apresentam correlação negativa e alta significância estatística. Observa-se que todos os crimes apresentam maior significância estatística em relação à variável *confia2*, que restringe o conceito de confiança nos vizinhos. Quando regredimos as variáveis de crimes juntamente com variáveis que representam a heterogeneidade, o espaço e a mobilidade da sociedade em função das variáveis dependentes de grau de confiança, todos os crimes – exceto os de roubo/furto/arrombamento de casa, considerados na variável *crime1* – mantêm o comportamento de afetar significativa e negativamente essas variáveis dependentes, apesar de a maior parte deles perder significância. Uma exceção para a manutenção da

significância estatística e inversão de sinal nessa regressão é da correlação dos crimes policiais com o grau de confiança. Os crimes de agressão são os que apresentam maior significância estatística em todas as regressões.

Com relação à mobilidade da população, pessoas que residem há mais tempo na mesma cidade e na sua vizinhança estão mais propensas a confiar nos seus vizinhos. Ambas as variáveis que consideram o tempo apresentam correlação positiva e significativa com os conceitos de grau de confiança.

Já a variável *favela*, referente à localização e tipo de domicílio dos indivíduos, é negativamente correlacionada ao grau de confiança. Pessoas que moram em favelas confiam menos que pessoas que moram em outras áreas dos municípios das regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, exceto para a variável *confianca2*. A correlação com esta, no entanto, não apresenta significância estatística. A correlação da variável *favela* com a variável *confia2* é altamente significativa: esta variável se iguala a um para pessoas que confiam na maioria dos seus vizinhos.

Por fim, buscamos achar a relação entre a localização e o tipo de domicílio, a ocorrência de crimes e o grau de confiança. A Tabela 13 nos permitiu concluir que moradores de favelas sofrem mais crimes policiais e discriminação que a população das demais áreas, e esses crimes compõe quase metade dos crimes considerados na Pesquisa de Vitimização. Parece, portanto, haver correlação positiva entre alguns crimes e a localização de domicílios em favelas, e correlação negativa entre esta e o grau de confiança das pessoas.

6. Conclusão

Neste trabalho, buscamos achar a correlação entre a ocorrência de crimes e o grau de confiança interpessoal. Para isso, foi necessária a explanação dos avanços da criminalidade no Brasil, bem como na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo com relação aos crimes violentos, e uma introdução teórica dos conceitos de capital social e grau de confiança: seus determinantes e reflexos.

Alguns estudos já nos apontaram os principais determinantes do grau de confiança dos indivíduos. Aqui, procuramos, através de dados da Pesquisa de Vitimização e de regressões, ratificar essas conclusões e buscamos a confirmação estatística dos reflexos negativos do crime no capital social – neste trabalho, reduzido ao conceito de grau de confiança.

O grau de confiança parece estar relacionado, de fato, a alguns aspectos individuais isolados, como a idade, o sexo e a educação. A confiança também se correlaciona com o tempo que os indivíduos residem na mesma cidade e/ou vizinhança de maneira significativa e positiva, apontando para o fato de que o tempo é relevante para conhecer os agentes de suas relações e para criar expectativas quanto às interações futuras.

Os resultados mais importantes, no entanto, são os referentes à criminalidade. Assim como esperado, todos os tipos de crime considerados neste trabalho têm significância estatística na correlação com o grau de confiança. Todos afetam de maneira negativa este nosso conceito de interesse, expondo a sensibilidade do nível de confiança das pessoas à ocorrência de crimes. Cabe destacar a alta significância estatística da variável que considera os crimes violentos – *agressao*. Os efeitos negativos desta variável nas variáveis de grau de confiança comprovam o fato de que crimes que envolvem qualquer tipo de arma e/ou qualquer tipo de agressão física que resulte em lesão corporal, fatal ou não, são os que mais afetam⁴ as relações interpessoais no que diz respeito à confiança. A média dessa variável é alta na Pesquisa de Vitimização considerada: 28% dos entrevistados afirmaram ter sofrido algum tipo de crime violento. Esse fator parece dialogar com os avanços dos índices de criminalidade

⁴ O resultado da regressão da variável de ofensa sexual com a variável dependente de grau de confiança *confia2* também apresenta significância estatística no nível de 1%, demonstrando alta sensibilidade do grau de confiança a esse tipo de crime.

e violência sofridos nos últimos anos na capital e demais municípios da região metropolitana considerada na pesquisa, do estado do Rio de Janeiro.

Por fim, observamos também que, correlacionados com criminalidade e com o grau de confiança interpessoal, a localização e o tipo de domicílio também parecem ter reflexos significativos. Pessoas que moram em favelas ou em domicílios ocupados/invadidos confiam menos umas nas outras. Não coube aqui analisar os motivos dessa correlação negativa. Porém, a criminalidade parece explicar parcialmente esse efeito. Pessoas que moram nessas áreas são as principais vítimas de crimes cometidos por policiais e crimes de discriminação. Ambos apresentaram correlação negativa e significância estatística alta, quando analisados separadamente com as variáveis de confiança. Crimes como roubo e furto de todas as espécies e crimes de estelionato são altamente significativos e negativamente correlacionados com a variável *favela*. Significa que pessoas que moram em outras áreas sofrem mais com esses tipos de crime, que costumam ter como vítimas indivíduos com maior poder aquisitivo e com ativos mais expostos à sociedade, como veículos, por exemplo. A população que mora em áreas que não favela, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, tem, em média, maior poder aquisitivo que residentes dessa.

O grau de confiança dos indivíduos é determinado por uma série de fatores. A experiência de sofrer com a criminalidade de maneira direta ou indireta configura uma experiência negativa, um trauma, que reflete significativamente nas relações interpessoais de forma negativa. Concluimos aqui que o crime, e também a violência, que passaram a ganhar destaque das últimas décadas até os dias atuais, refletem não só nas estatísticas de saúde e segurança pública; afetam também o grau de confiança das relações interpessoais que, por sua vez, afeta as relações dos indivíduos com as instituições, as transações econômicas e os gastos com segurança, entre outros custos sociais e econômicos incorridos do baixo nível de confiança. A criminalidade, em suma, afeta o capital social de toda uma sociedade negativamente, nos mostrando que suas consequências vão além dos números das estatísticas: afetam toda sua economia.

7. Referências Bibliográficas

ALESINA, A.; LA FERRARA, E. Who trust others? *Journal of Public Economics*, 85 (2002) 207-234.

BOTTARI, Elenilce; ARAÚJO, Vera. Sob suspeita: apenas um terço acredita na PM. *O Globo*, 10 de maio de 2008.

CARVALHO, A. X. de; CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. *O Jogo dos Sete Mitos e a Miséria da Segurança Pública no Brasil*. Rio de Janeiro, dezembro de 2005.

_____. *Socioeconomic Structure, Self-Fulfilment, Homicides and Spatial Dependence in Brazil*. Rio de Janeiro, julho de 2005.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. *Condicionantes Sociais, Poder de Polícia e o Setor de Produção Criminal*. Rio de Janeiro, junho de 2003.

_____. *Criminalidade: Social versus Polícia*. Rio de Janeiro, junho de 2003.

_____. *Determinantes da Criminalidade: Uma Resenha dos Modelos Teóricos e Resultados Empíricos*. Rio de Janeiro, junho de 2003.

GLAESER, E. L. et al. *What is Social Capital? The Determinants of Trust and Trustworthiness*. National Bureau of Economic Research, Cambridge, 1999. Disponível em <http://www.nber.org/papers/w7216.pdf> . Acesso em 4 de abril de 2009.

_____. *Measuring Trust*. *The Quarterly Journal of Economics*, 2000.

GUIISO, Luigi; SAPIENZA, Paola; ZINGALES, Luigi. *Cultural Biases in Economic Exchanges?* *Quarterly Journal of Economics*, 2008. Disponível em http://www.kellogg.northwestern.edu/faculty/sapienza/htm/cultural_biases.pdf. Acesso em 16 de junho de 2009.

Knack, S.; Keefer, P. Does Social Capital Have an Economic Payoff? A Cross-country Investigation. *The Quarterly Journal of Economics*, 1997.

LEMGRUBER, Julita. *Violência, Omissão e Insegurança: O Pão Nosso de Cada Dia*. Rio de Janeiro, 2004.

PINTO, Andréia S. et al. *Relatório Final da Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização – 2007*. Instituto de Segurança Pública, Rio de Janeiro, 2008.

PUTNAM, Robert. *Social Capital: Measurement and Consequences*. Disponível em <http://www.oecd.org/dataoecd/25/6/1825848.pdf> . Acesso em 5 de maio de 2008.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DO RIO DE JANEIRO. In: MUSUMECI, Leonara. *Violência, Criminalidade e Segurança*. PNUD, IPEA e Prefeitura Municipal, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em <http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/RDHRio-Cap5.pdf> . Acesso em 4 de abril de 2009.

RIO COMO VAMOS. *Rio Como Vamos: Indicadores da Cidade*. Rio de Janeiro, 2008.

RIO ESTUDOS No. 158. *As Cidades Brasileiras e a Violência (1)*. Instituto Pereira Passos, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1418_as%20cidades%20brasileiras.PDF . Acesso em 4 de abril de 2009.

RIO ESTUDOS No. 159. *As Cidades Brasileiras e a Violência (2)*. Instituto Pereira Passos, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1449_as%20cidades%20brasileiras%20e%20a%20violencia2.PDF . Acesso em 4 de abril de 2009.

RIO ESTUDOS No. 200. *Vitimização: Medos, Mudanças e Manipulações*. Instituto Pereira Passos, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1666_rio%20estudos%20200.PDF . Acesso em 4 de abril de 2009.

SANTOS, M. J. dos; KASSOUF, A. L. Estudos Econômicos das Causas da Criminalidade no Brasil: Evidências e Controvérsias. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/aprovados/Economia_crime.pdf . Acesso em 4 de abril de 2009.

SOARES, Rodrigo R. e NARITOMI, J. Understanding High Crime Rates in Latin América: The Role of Social and Policy Factors. Harvard University, Cambridge, 2007.